



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO - UNIFAMETRO

CURSO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA

PEDRO VICTOR VASCONCELOS VITORIANO

TATIANA MATOS MACIEL

VITÓRIA GEMIMA LIMA DA SILVA

**VIVÊNCIAS PARENTAIS NO CONTEXTO DO AUTISMO: Uma análise fílmica da
série Atypical**

FORTALEZA

2024

PEDRO VICTOR VASCONCELOS VITORIANO

TATIANA MATOS MACIEL

VITÓRIA GEMIMA LIMA DA SILVA

VIVÊNCIAS PARENTAIS NO CONTEXTO DO AUTISMO: Uma análise fílmica da
série Atypical

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no dia como requisito para
obtenção do grau de bacharel em
Psicologia do curso do Centro
Universitário Fametro - UNIFAMETRO,
sob orientação da prof.^a Karen Stefanny
Crisostomo Ramos.

FORTALEZA

2024

PEDRO VICTOR VASCONCELOS VITORIANO
TATIANA MATOS MACIEL
VITÓRIA GEMIMA LIMA DA SILVA

VIVÊNCIAS PARENTAIS NO CONTEXTO DO AUTISMO: Uma análise fílmica da
série Atypical

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no dia 11 de junho de 2024
como requisito para obtenção do grau de
bacharel em Psicologia do curso do
Centro Universitário Fametro -
UNIFAMETRO.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Esp. Karen Stefanny Crisostomo Ramos

Orientador (a) – Centro Universitário Fametro

Prof^a. Ms. Ticiana Siqueira Ferreira

Examinador (a) 1 – Centro Universitário Fametro

Prof^a. Esp. Tainnan Vilante e Silva

Examinador (a) 2 – Membro externo

**VIVÊNCIAS PARENTAIS NO CONTEXTO DO AUTISMO: Uma análise fílmica da
série Atypical**

**PARENTAL EXPERIENCES IN THE CONTEXT OF AUTISM: A film analysis of the
Atypical series**

Pedro Victor Vasconcelos Vitoriano¹

Tatiana Matos Maciel²

Vitória Gemima Lima da Silva³

Karen Stefanny Crisostomo Ramos*

RESUMO

O presente trabalho trata sobre as vivências parentais no contexto familiar de pessoas com autismo. Como os pais e mães são impactados no dia a dia exercendo seus papéis de cuidadores em relação ao filho autista. Um recurso importante para a construção deste referido trabalho foi a série norte-americana, original da Netflix, “Atypical” (2017). A fim de obter as reflexões a partir da análise de trechos da série, o objetivo geral consistiu em verificar as questões que atravessam a parentalidade advindas do diagnóstico de autismo nos filhos. O percurso metodológico se caracteriza com base na pesquisa de natureza qualitativa do tipo análise documental, sendo utilizada também a revisão bibliográfica para embasar as discussões advindas da temática. Essa revisão foi composta de artigos que abordassem temas como a parentalidade e o Transtorno do Espectro Autista. A Análise Fílmica dispõe de materiais que ainda não receberam tratamento analítico, sendo as fontes primárias, enquanto a pesquisa bibliográfica considera estudos que tenham recebido este tratamento, ou seja, são as fontes secundárias. Para melhores compreensões, optou-se por elaborar uma tabela, a qual contém cenas que serão utilizadas para análise no decorrer do trabalho. Por fim, este estudo teve como principal objetivo aprofundar o entendimento sobre as complexidades da parentalidade no contexto do autismo, fornecendo suporte para a criação de intervenções mais humanas e eficazes.

Palavras-chave: Autismo; Diagnóstico; Parentalidade.

ABSTRACT

The present work deals with parental experiences in the family context of people with autism. How parents and mothers are impacted in the day-to-day exercising their caregiver roles in relation to the autistic child. An important resource for the construction of this work was the American series, original Netflix, "Atypical" (2017). In order to obtain the reflections from the analysis of extracts of the series, the overall objective was to verify the issues that cross parentality arising from the diagnosis of autism in children. The methodological path is characterized on the basis of research of a qualitative nature of the type of documentary analysis, being used also the bibliographic review to base the discussions arising from the topic, this review was composed of articles that addressed topics such as parentality, the autism spectrum disorder. Film analysis has materials that have not yet received analytical treatment, being the primary sources, while bibliographic research considers studies that have received this treatment, that is, are the secondary sources. For better understanding, one chose to draw up a table, which contains scenes and speeches that will be used for analysis in the course of the work. Finally, the main objective of this study was to deepen understanding of the complexities of parenting in the context of autism, providing support for the creation of more human and effective interventions.

Keywords: Parentality; Autism; Diagnosis.

¹Graduando do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

²Graduanda do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

³Graduanda do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

*Prof^a. do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o DSM-5, o Autismo, também conhecido como transtorno do espectro do autismo (TEA), caracteriza-se essencialmente por “prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades”. Esses sintomas “estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário” (APA, p. 53, 2014).

Os sinais característicos do transtorno devem surgir nos estágios iniciais do desenvolvimento, embora possam não se manifestar completamente até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas da pessoa ou sejam disfarçados por estratégias aprendidas posteriormente na vida. Além disso, é essencial que esses sintomas causem prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida atual do indivíduo. Vale ressaltar que tais perturbações não podem ser explicadas de forma mais adequada por deficiência intelectual ou por atraso global do desenvolvimento, embora esses transtornos possam ocorrer simultaneamente. Para diagnosticar a comorbidade entre transtorno do espectro autista e deficiência intelectual, é necessário que a habilidade de comunicação social esteja aquém do esperado para o nível geral de desenvolvimento. (APA, 2014).

Nesse processo de investigação sobre o diagnóstico de autismo, o qual geralmente é localizado na infância, é muito importante buscar conhecer como as figuras parentais (mãe e pai) recebem a notícia do autismo no filho. Sendo assim, faz-se importante um estudo sobre a parentalidade e de como esta é atravessada pelas vivências com o filho.

Originário do termo francês "parentalité", que emergiu como um neologismo, o vocábulo "parentalidade" começou a integrar o léxico brasileiro a partir dos anos 1980. Segundo as observações de Houzel (2004), a expressão "parentalidade" teve seu surgimento inicialmente proposto por Paul-Claude Racamier (1961), nos primórdios da década de 1960, com o intuito de ressaltar o caráter processual subjacente ao exercício das responsabilidades parentais em relação aos filhos.

No cenário contemporâneo, o conceito tem sido adotado em diversas vertentes teóricas para descrever a evolução dinâmica pela qual os pais passam, abrangendo não apenas a dimensão biológica, mas também aspectos conscientes e inconscientes. Esse processo de tornar-se pai e mãe transcende o âmbito biológico e é permeado pela história familiar de cada progenitor, bem como pelo contexto sociocultural em que estão inseridos (Gorin et al, 2015).

Na experiência de ser pai e de ser mãe, segundo Semensato e Bosa (2017), um dos momentos que podem se tornar especialmente desafiador para os pais é quando enfrentam dificuldades no progresso dos seus filhos, seja devido a questões de saúde física ou mental. Dentro dessas dificuldades, o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) emerge como uma das condições mais proeminentes.

Há evidências de que as crenças parentais acerca do autismo têm influência na forma como esse diagnóstico impacta o casal de pais e nas escolhas terapêuticas que fazem para a criança. Portanto, as crenças dos pais podem funcionar como um aspecto tanto de proteção quanto de vulnerabilidade ao lidar com o diagnóstico de autismo que acomete o filho (Semensato; Bosa, 2017).

Frente a essas reflexões, o objeto de estudo deste trabalho propõe-se a investigar os desafios enfrentados por pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com foco na adaptação psicossocial dos pais e no impacto do diagnóstico de autismo na dinâmica familiar. O estudo parte de uma motivação de que o assunto abordado é de grande relevância nos tempos atuais, pois diante do aumento das discussões sobre TEA muitos pais estão descobrindo que seus filhos estão no espectro.

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso formulou-se a seguinte questão da atividade investigativa: De que maneira o diagnóstico de TEA nos filhos pode afetar a dinâmica dos pais em seu papel de cuidadores? Para responder a pergunta formulada, fundamentada no conhecimento empírico do pesquisador, formulou-se a seguinte hipótese: A experiência de se ter um filho com TEA introduz um novo cenário na realidade dos pais, em que é preciso, em certas ocasiões, uma adequação psíquica, ou mesmo, uma nova organização da vida em família.

O objetivo geral da pesquisa é pesquisar as questões que atravessam a parentalidade advindas do diagnóstico de autismo nos filhos. De forma específica, esta pesquisa buscará analisar como os pais da série percebem as possíveis mudanças na sua rotina diária para exercer seu papel de cuidador diante do desenvolvimento do filho com TEA.

Como forma de buscar atingir os objetivos de pesquisa, escolhemos a Análise Fílmica da série “*Atypical*”, da Netflix (2017), de Robia Rashid. Compreendendo que o tema do autismo é muito presente na série, foi observado mais especificamente como os pais do adolescente (Sam) são perpassados na sua rotina, tanto de cuidadores como de casal, pelos cuidados que precisam ter com ele.

Considerando a natureza complexa e ampla do autismo, é crucial compreender como as demandas associadas ao cuidado de uma criança com TEA afetam os pais, e como estes precisam criar estratégias para uma nova perspectiva na vivência do seu papel. A pesquisa visa ampliar o aprofundamento no âmbito acadêmico acerca do tema em questão, podendo auxiliar estudantes e profissionais que estão inseridos no campo de trabalho auxiliando os pais em sua vivência.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A PARENTALIDADE

O conceito de parentalidade é cada vez mais utilizado hoje para se referir ao campo da interação entre pais e filhos, especialmente nos estudos de família. Atualmente o conceito vem servindo de auxílio em múltiplas abordagens teóricas para caracterizar o processo mutável no qual os pais passam, a saber, pelo processo de tornar-se pai e tornar-se mãe, que supera o aspecto biológico, trazendo aspectos conscientes e inconscientes que perpassam a história da família, dos pais e do contexto sociocultural; as mudanças e os padrões familiares sem precedentes na sociedade atual estão a desafiar noções ultrapassadas e a levar todos a se atualizarem (Gorin et al, 2015).

É importante destacar que a construção da parentalidade se dá a partir de uma transição, segundo Delmore-Ko et al (2000, p. 625):

A dinâmica do relacionamento entre o casal se transforma em uma nova unidade familiar centrada na parentalidade. Isso implica uma mudança significativa na forma como os parceiros se veem e se relacionam, passando de serem simplesmente marido e mulher para assumirem os papéis e responsabilidades de pai e mãe.

Neste sentido, a partir do momento do anúncio da gravidez mudanças são exigidas no desempenho dos papéis e mudanças significativas nas relações, surgem novas responsabilidades financeiras, mudança nos hábitos de sono e redução do tempo para os pais passarem um com o outro (principalmente se é o primeiro filho) e com outras crianças (Ribeiro et al, 2021).

Sabe-se que a gestante simboliza o ideal de filho e, desse modo, ela e o pai não pensam na possibilidade real do seu filho nascer com algum tipo de deficiência (Lima et al, 2022). Tornar-se pai e tornar-se mãe vai muito além de aspectos biológicos, a pré-história da criança se inicia na história individual de cada um dos pais, onde o desejo de ter um filho reatualiza as fantasias de sua própria infância e do tipo de cuidado parental que puderam ter (Szejer, 2002).

2.1.1 TORNAR- SE MÃE E TORNAR-SE PAI

O tornar-se mãe é um momento de transformação, que pode ocasionar mudanças na maneira da mulher compreender e dar sentido à vida. Com a chegada da maternidade surgem desejos, novos modos de ação, medos e fantasias se instauram na futura mãe, assim como ocorre uma reformulação, por parte da mesma, dos modos de cuidado recebidos da figura materna (Muller; Wolff et al, 2017).

Nesse sentido, Smeha e Cézar (2011), afirmam que desde o momento em que a gravidez se instaura, a vida da futura mãe se transforma significativamente, especialmente se for sua primeira experiência com a gestação. Essa nova fase desperta uma miríade de sentimentos, provoca fantasias e gera expectativas, moldando uma nova rotina antes mesmo do nascimento.

É importante destacar o papel da mulher no processo gestacional, segundo Ferrari e Ribeiro (2020, p. 227):

A mulher viverá o puerpério e a amamentação no seu corpo; é com sua voz e com seu ritmo corporal que o bebê estabelecerá uma história que começa

já na vida intra uterina. Ainda que o pai da criança esteja absolutamente envolvido com a gestação e o início da vida do filho.

Em relação a ter um filho autista é importante destacar que em muitos casos, é a mãe quem está mais diretamente envolvida no dia a dia do filho ou filha e, conseqüentemente, quem observa de perto os sinais e sintomas que eles manifestam. Ela é quem percebe as dificuldades nos relacionamentos interpessoais, a sensibilidade ao ruído, a falta de conexão com irmãos, a dificuldade na comunicação e é ela quem sente de forma mais intensa o impacto dessas questões (Hoffmann et al, 2019).

Estudar o processo pelo qual o homem entra na paternidade atualmente é essencial, visto que as implicações familiares e sociais que vêm destas transformações, incluindo as transformações pessoais que são próprias da condição paterna, suas alegrias e angústias ao longo da profunda mudança em suas funções (Moraees; Granato, 2016). Nesse sentido, a experiência da paternidade marca uma jornada de mudanças profundas na vida dos homens. Este processo intrincado emerge das interações entre economia, sociedade e cultura, resultando em uma transformação multifacetada (Marion; Ferreira; Pereira, 2015).

De acordo com Seabra e Seidl-de Moura (2012), discutir a experiência da paternidade é contemplar um processo que se inicia desde a concepção até o momento do nascimento da criança. Em certos casos, esse processo pode até começar antes, através dos próprios anseios de se tornar pai, assim como pelas experiências vivenciadas ao longo da vida.

Segundo Bradt (2001), entrar na paternidade, tal como acontece com a maternidade, representa um dos períodos mais exigentes na jornada da vida familiar ou pessoal. Teykal (2007) destaca que a transição para a paternidade aborda duas facetas essenciais da identidade de um indivíduo: a dimensão física, já que o homem contribui para a concepção da criança, e a dimensão moral, que requer recursos para prover e educar os filhos.

Na relação entre pai e um filho com TEA, é importante reconhecer como as particularidades e características desse transtorno afetam o envolvimento da figura paterna. As dimensões do papel paterno são influenciadas e moldadas pelas

necessidades específicas que surgem em decorrência do TEA presente no filho ou filha (Silva et al, 2016).

2. 2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-5, 2013), o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é estabelecido com base em uma lista de critérios comportamentais e se caracteriza por déficits persistentes na comunicação social, interação social e incidência de padrões restritivos e repetitivos do comportamento.

Dessa forma, o transtorno se instaura de múltiplas maneiras, e os indivíduos manifestam ampla singularidade em cada caso, pois nenhum autista é igual. Portanto, há variações na intensidade dos sintomas em cada criança dentro do espectro, classificando-se entre os níveis de suporte 1,2 e 3; o nível de suporte 1 é considerado leve de acordo com a funcionalidade e autonomia que a pessoa com autismo pode desenvolver, os níveis de 2 e 3 precisam de suporte substancial de acordo com a presença de outras comorbidades que demandam mais apoio (Duarte et al, 2021).

Segundo Duarte et al (2021), o TEA é considerado pelo DSM-V como um transtorno do neurodesenvolvimento que não tem cura; manifesta-se ainda nos primeiros anos de vida, na primeira infância, e se prolonga por toda a vida do indivíduo. Porém, com o tratamento multiprofissional adequado é possível minimizarmos os atrasos no desenvolvimento advindos dessa condição.

Pesquisas recentes mostram que a prevalência do autismo está presente em 1 a cada 68 crianças. Investiga-se que o aumento do diagnóstico pode estar relacionado ao avanço da ciência e das pesquisas, ao aumento dos critérios de diagnóstico, ao conhecimento sobre o transtorno e até mesmo ao aumento de casos na população (Gaiato et al, 2022).

De acordo com Gaiato e Teixeira (2023), estudos mostram a frequência de traços autísticos em pais de crianças com o diagnóstico, porcentagens em relação a chances de irmãos nascerem com o mesmo transtorno e a idade avançada dos pais (40 anos) também ser um fator de risco. Outras causas também são citadas, como:

fatores ambientais (uso de medicações ou drogas durante a gravidez, doenças congênitas, prematuridade do parto etc) e epigenética.

O diagnóstico de TEA é detectado por uma avaliação comportamental clínica minuciosa, realizada por uma equipe multidisciplinar; médicos com amplo conhecimento nas fases do desenvolvimento infantil também podem avaliar os comportamentos esperados para cada faixa etária, podendo assim, identificar atrasos no desenvolvimento e contribuir para o diagnóstico precoce. Exames laboratoriais e de imagem não são necessários para a identificação do autismo (Gaiato; Texeira, 2023).

Como o diagnóstico de autismo não pode ser detectado por um exame físico, é importante que haja acompanhamento destinado aos pais da criança desde a gestação, pois é possível investigar traços autísticos nos pais, apresentando-os aos pais as possibilidades da criança nascer dentro do espectro autista (Almeida; Albuquerque, 2017).

A busca pelo diagnóstico precoce têm sido cada vez mais aconselhada pela área de saúde, tendo em vista que a intervenção precoce nos sinais e sintomas podem amenizar atrasos e promover possibilidades de ensino que não seriam disponibilizados sem o diagnóstico, podendo acumular atrasos do desenvolvimento da criança:

Apesar das evidências em relação à capacidade motora, manuseio de objetos e baixa frequência de sinais comunicativos, o diagnóstico do TEA ocorre, em média, aos 4 ou 5 anos de idade. Esta é uma situação para se lamentar, conhecendo a importância do diagnóstico precoce e de sua ligação direta com ganhos expressivos no funcionamento cognitivo e na capacidade de adaptação da criança. De acordo com o Departamento Científico de Pediatria e do Desenvolvimento e Comportamento (2019), alguns estudiosos têm sugerido que a intervenção precoce e intensiva apresenta grande potencial de diminuir ou até mesmo impedir a manifestação completa do TEA, por coincidir com um período de desenvolvimento onde o cérebro é altamente maleável (Duarte et al, 2021, p. 177 e 178).

As características típicas do TEA se tornam mais perceptíveis a partir dos 6 meses de vida. Os sintomas relatados pelos pais com maior frequência ainda nos primeiros meses são atrasos na comunicação social e na linguagem, quando é perceptível que a criança faz menos contato visual que outras da mesma faixa etária, não atende pelo nome como esperado e tem déficits na comunicação não

verbal; percepções comportamentais como a diminuição da imitação também surgem (Matos et al, 2020).

Segundo Bock (2004), além de compreender as características do autismo na infância, também é importante identificar as características na fase da adolescência. Este período é uma fase de transição em que os indivíduos se distanciam da infância para entrar na esfera adulta. Esse processo envolve não apenas mudanças físicas e biológicas, mas também a formação da identidade, influenciada tanto por fatores culturais quanto por aspectos naturais, os adolescentes com TEA podem experimentar, de acordo com Klin (2006), um declínio comportamental evidenciado pela diminuição das habilidades de comunicação e interação social.

Observa-se que, na adolescência, esses jovens podem manifestar sintomas de ansiedade e depressão devido à sua percepção de si mesmos, à dificuldade em estabelecer relações interpessoais e a vulnerabilidade que os tornam alvos de abusos psicológicos e físicos. A acumulação dessas experiências frustrantes tende a torná-los mais retraídos.

2.3 AS VIVÊNCIAS APÓS O DIAGNÓSTICO

O diagnóstico de TEA geralmente é realizado na infância, porém os sintomas e as situações estressoras vivenciadas pelas famílias podem ocorrer antes mesmo do diagnóstico, nos primeiros sinais manifestados, e nas diferentes fases da vida de uma pessoa com autismo (Bagarollo; Panhoca, 2011).

É de se supor que os sentimentos confusos que acompanham o diagnóstico são intensificados pela desinformação acerca do Transtorno do Espectro Autista, já que nesse momento, para muitas famílias, há um pressentimento de perda integral do filho. Por isso, para Pinto (2016), é de suma importância que exista a ampliação das informações sobre esse quadro para além de apenas o nome da patologia.

As expectativas do nascimento do filho ideal e a falta de informação relacionada ao TEA pode se tornar um desafio ainda maior para os pais ao descobrirem que o filho está dentro do espectro. Segundo Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 45), ao receber o diagnóstico, muitos sentimentos e emoções perpassam a

vida dos pais, desde a angústia em relação à falta de informação, até o medo, culpa, frustração e insegurança.

Devido a pressão social sobre a maternidade, as mães geralmente se sentem culpadas pelo diagnóstico, e essa culpa se dá por um contexto histórico específico, em que os déficits sociais da criança eram ligados a forma como a mãe interagia com a criança, essa idéia é encontrada na literatura como “mãe geladeira”.

A teoria da “mãe geladeira” formulou-se com os estudos de Leo Kanner, médico psiquiatra infantil, pioneiro nos primeiros estudos sobre o diagnóstico de autismo. Kanner, segundo Grandin e Panek (2013, p. 15), afirmou em um de seus artigos que “as crianças autistas em geral eram fruto dos pais que se descongelaram apenas o suficiente para gerar um filho”. Ao fazer tal especulação, seu comentário se tornou influente na categoria médica por muitos anos. Contudo, o mesmo psiquiatra retratou-se em público após a repercussão da sua ideia e defendeu o fato de preferir a ideia da origem biológica do autismo.

A criança autista necessita de muita atenção por parte dos pais, paciência, zelo, cuidado, estimulação, organização diária, disciplina, observação, o que consequentemente não se torna uma tarefa fácil para os pais. O diagnóstico é desafiador, pois propõe uma nova configuração, mudanças nos papéis e dinâmica familiar. É de suma importância que os pais possam ter suporte para educar e criar seu filho, contando com a ajuda de outros familiares e parentes próximos como os avós, irmãos, tios etc. O apoio de outros familiares e profissionais devem estar alinhados com os objetivos de ensinamentos dos pais, para que possam promover de forma efetiva um bom desenvolvimento para a criança (Silva; Gaiato; Reveles, 2012).

A relação entre os pais da criança podem se tornar conflituosas devido a fatores estressores advindos da nova dinâmica familiar, a ponto de haver discussões entre pai e mãe, e também entre outros familiares. Portanto, é preciso considerar a relevância do cuidado para com toda a família da criança, principalmente com a mãe, que é quem está frequentemente disponível a atender as necessidades específicas do púbere (Silva; Gaiato; Reveles, 2012).

Pessoas com autismo podem vivenciar diferentes desafios ao longo da vida. O período da adolescência é marcado por mudanças variáveis no organismo, tanto

na estatura física, como psicológica. As famílias de adolescentes autistas presenciam as características dessa fase e podem ser afetadas por elas, podendo ocorrer mudanças na dinâmica familiar, impactos relacionados a questões sexuais/hormonais e adaptação em grupos sociais (Segeren; Françoze, 2014).

Sendo a adolescência um período de muitas mudanças e desafios, é crucial que a família esteja preparada para adaptar suas estratégias de apoio e comunicação para atender às necessidades específicas do adolescente durante essa fase de transição.

Além disso, a família pode precisar adaptar a comunicação e as estratégias de apoio para atender às necessidades do adolescente durante essa fase de transição.

3. METODOLOGIA

A pesquisa documental é compreendida conceitualmente como um processo que se utiliza de métodos e técnicas para a percepção, entendimento e verificação de documentos dos mais variados tipos. A análise documental tem como característica a investigação detalhada e o uso de instrumentos que destacam os fatos observados caracterização se aproxima dos estudos de Pimentel (2001, p. 179).

Para responder o objetivo de pesquisa escolhemos a metodologia da Pesquisa Documental, baseando-se na Análise Fílmica, a partir da série "*Atypical*", disponibilizada na plataforma digital Netflix em 2017. A análise foi feita com o foco de observar os personagens que representam os pais de um adolescente (Sam) diagnosticado com autismo.

A primeira temporada tem 8 episódios no total, e cada episódio possui uma duração de 30 minutos. Nessa temporada retrata a história de um jovem (Sam) de 18 anos diagnosticado com autismo, que é apaixonado por pinguins e tem um talento incrível para desenhar. Durante uma sessão de terapia, ele compartilha seu desejo de encontrar uma namorada, e sua terapeuta (Julia) o encoraja a seguir em frente com esse objetivo. Determinado, o personagem mergulha na busca por entender o amor. No entanto, à medida que ele aprende mais sobre o assunto, ele descobre o quão complexo e confuso o amor pode ser. A situação se complica

quando ele desenvolve sentimentos por sua terapeuta (Julia), que é mais velha e está em um relacionamento. Seguindo o conselho de seu pai e de seu melhor amigo (Zahid), o jovem decide buscar um relacionamento com outra pessoa para ganhar experiência antes de considerar a possibilidade de estar com sua terapeuta. Essa decisão o leva a vivenciar novas experiências e a entender melhor as pessoas ao seu redor.

Após a escolha das cenas a serem analisadas, foi feito um filtro sobre as temáticas mais relevantes para a análise da presença do diagnóstico do autismo, dentro da parentalidade dos personagens pai (Doug) e mãe (Elsa). Esse filtro foi feito a partir da observação das cenas da primeira temporada da série, em que estavam presentes os personagens citados, de modo que houvesse a interação entre eles relacionado ao diagnóstico de autismo do filho (Sam).

A escolha da série se deu não somente por trazer o tema do autismo, mas também pelo modo como o diagnóstico de TEA afeta o dia-a-dia dos pais enquanto casal.

No contexto parental, é possível analisar as cenas apresentadas pela mãe (Elsa) e pelo pai (Doug). Uma característica que aparece na relação da mãe com o filho (Sam) refere-se a uma certa resistência em aceitar que o filho está apto a desenvolver um relacionamento de namoro. Já na relação com o pai há dificuldades em compreender as características de TEA no filho.

Foi escolhida para análise cenas de episódios da primeira temporada da série, pois nessa temporada específica podemos perceber como o diagnóstico do adolescente (Sam), desde a infância, interfere na dinâmica da relação conjugal dos pais. Há vários momentos em que o assunto “filho” está presente nas discussões do casal, principalmente interferindo na adolescência.

A pesquisa foi desenvolvida entre março e maio de 2024. Com a finalidade de descrever a pesquisa bibliográfica, foi utilizado um conjunto categórico destacados ao longo da série: presença do diagnóstico do autismo na vida dos pais.

Para embasar as discussões advindas das análises das cenas, foi escolhida a pesquisa bibliográfica. Entende-se que esta é uma prática comum no mundo acadêmico, visando melhorar e manter atualizado o entendimento sobre

determinado assunto por meio da análise crítica e científica de trabalhos já publicados (Souza et al, 2021).

Como forma de refinar as referências teóricas, utilizamos como critérios de inclusão e exclusão os seguintes pontos presentes na tabela:

INCLUSÃO	EXCLUSÃO
- Artigos científicos publicados na língua portuguesa que abarque os descritores a partir de 2006: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), Parentalidade, diagnóstico. - Para elaborar este estudo, conduzimos uma revisão da literatura utilizando artigos provenientes de fontes acadêmicas SCIELO, PEPSIC, EBSCOhost. - Foram encontrados 90 artigos e desses artigos foram usados os que retratavam os descritores citados acima.	- Outros transtornos do neurodesenvolvimento, terapia familiar. - Relação do autismo dentro do contexto da relação entre irmãos - Capítulos de livros, monografias, trabalho de conclusão de curso; - Temáticas sobre parentalidade geral.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como forma de analisar os conteúdos advindos da série, foram escolhidas cenas que permitissem a conexão com os objetivos de pesquisa. Após a escolha das cenas, foi elaborada a tabela abaixo.

A tabela contém a descrição das cenas, ilustrando o contexto em que as falas serão analisadas na discussão. Dividimos as cenas diante dos episódios escolhidos, expondo as cenas que deixaram mais evidente os atravessamentos que os pais são acometidos por conta do diagnóstico de autismo do seu filho.

1º EPISÓDIO		
CENA	TEMPO	DESCRIÇÃO DA CENA
Cena 1	7min	Essa é a primeira cena que mostra em evidência os pais do adolescente (Sam). No contexto da cena o pai (Doug) faz comparações da relação que têm com o filho com a que tinha com o seu pai, chega a se fazer menção que tinha o costume de ir ao jogo com o pai, algo que era comum na sua rotina familiar.
Cena 2	8 min 31 segundos	A mãe (Elsa) está conversando com o pai (Doug) e relata que sente medo toda vez que o telefone toca, referindo-se ao filho (Sam), ela se mostra com um semblante de preocupação quando o filho não está em casa.
Cena 3	19 min 24 segundos - 20 min 06 segundos	Nesta cena, o pai diz para a mãe a dificuldade que enfrentava quando o filho (Sam) era criança, de modo em que tentava estabelecer uma conexão afetiva com o filho.

3º EPISÓDIO		
CENA	TEMPO	DESCRIÇÃO
Cena 1	25 min 45 segundos - 26 min 27 segundos	O pai está no parque com a filha mais velha (Casey), quando resolve dizer à filha o motivo de ter deixado a família, logo após o filho (Sam) apresentar sinais do espectro autista. Nessa cena pode-se perceber o modo em que ele, como esposo e pai, não soube lidar com um filho que não olhava para ele e uma esposa que se dedicava somente a cuidar do filho.

5º EPISÓDIO		
CENA	TEMPO	DESCRIÇÃO DA CENA
Cena 1	25 min 48 segundos - 27 min 14 segundos	O pai e a mãe estão jantando com um casal de amigos e o assunto filho vem à mesa e a mãe (Elsa) chega a falar que tudo com o filho (Sam) é mais complicado, por conta do autismo.

Cena 2	03 min 57 segundos - 03 min 14 segundos.	O pai (Doug) e a mãe (Elsa) estão se organizando para dormir e conversando sobre o fato do pai (Doug) nunca ter falado para seu amigo de trabalho sobre o autismo do filho (Sam).
---------------	---	---

Após a escolha das cenas a serem analisadas, foi feito um filtro sobre as temáticas mais relevantes para a análise da presença do diagnóstico do autismo, dentro da parentalidade dos personagens pai (Doug) e mãe (Elsa). Esse filtro foi feito a partir da observação das cenas da primeira temporada da série, em que estavam presentes os personagens citados, de modo que houvesse a interação entre eles relacionado ao diagnóstico de autismo do filho (Sam).

4.1. DOUG E ELSA: OS DESAFIOS DO SER PAI E DO SER MÃE NO CONTEXTO DO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO

Na série "*Atypical*", tanto a paternidade quanto a maternidade são exploradas de forma complexa e emotiva diante do convívio com um filho autista. Os personagens, pais de Sam, Elsa e Doug, enfrentam uma série de desafios enquanto tentam compreender e apoiar seu filho Sam, que tem diagnóstico de TEA.

Ao longo da série, tanto Elsa quanto Doug lidam com o desafio de comparar seu filho neurotípico, Sam, com crianças neurotípicas, trazendo essas discussões até mesmo para a infância que os pais tiveram. Isso é evidenciado através de suas interações com outros pais e crianças, bem como suas próprias expectativas sobre o que é considerado "normal" ou "bom" comportamento, quando Doug fala: “queria que tivéssemos uma coisa em comum, eu sempre ia ao jogo com meu pai” (Episódio 1, cena 1).

As comparações muitas vezes geram sentimentos de frustração, culpa e inadequação, já que eles se confrontam com a realidade de que seu filho pode não se encaixar nos padrões sociais convencionais.

Conforme a discussão acima, estudos mostram que pais de crianças com TEA muitas vezes se comparam a pais de crianças neurotípicas, o que pode levar a sentimentos de estresse, ansiedade e baixa autoestima, impactando tanto na relação familiar quanto na percepção de si mesmo (Pinto, 2019). Além disso, a

comparação social pode contribuir para sentimentos de isolamento e falta de apoio por parte de outros pais (Ribeiro et al, 2017).

No tocante a isso, há a problemática também de insegurança quanto à autonomia da pessoa autista. Na série, tanto Elsa quanto Doug demonstram preocupação e insegurança em relação à capacidade de Sam de viver de forma independente e realizar suas próprias escolhas. Essa insegurança é exacerbada pelas lutas de Sam com habilidades sociais e de comunicação, bem como por sua dependência de rotinas e padrões previsíveis, pode-se perceber isso quando Elsa diz: “Sabia que eu me assusto toda vez que o telefone toca?” (Episódio 1, cena 2).

Na cena descrita acima, a mãe, Elsa, enfrenta o dilema de querer proteger e cuidar de Sam, ao mesmo tempo em que deseja incentivá-lo a explorar o mundo e se tornar mais autônomo.

É importante salientar que pais de crianças autistas frequentemente expressam preocupações sobre o futuro de seus filhos, especialmente em relação à independência e à vida adulta (Ferreira e Deslandes, 2018). Essa insegurança pode estar relacionada à falta de serviços e apoio disponíveis para adultos autistas, o que pode limitar suas oportunidades de emprego e moradia (Rocha et al, 2020).

Além das problemáticas já relatadas, há também a sensação de falta de afeto do filho que podemos perceber, na série, através da seguinte fala de Doug: “Eu achei que ele seria mais como eu. Quando ele fez nove anos, eu juntei cubos de gelo para que meu filho percebesse minha presença” (Episódio 1, cena 3).

A fala de Doug revela sua preocupação com a falta de demonstrações de afeto por parte de Sam. Ele questiona se Sam realmente gosta deles, evidenciando a insegurança e a busca por validação emocional como pais de uma criança autista. Um aspecto importante da dinâmica entre pais e o filho autista na série, é a hipótese de falta de afeto ou conexão emocional por parte de Sam.

Tal aspecto pode ser explicado através da discussão trazida por Lima (2020), em que as dificuldades de comunicação é uma característica comum em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Estas dificuldades podem variar amplamente, desde a ausência completa de linguagem verbal até déficits específicos na comunicação.

De acordo com Raposo, Freire e Lacerda (2015), pessoas no Espectro Autista têm dificuldade de comunicação social, o que também pode ser explicado pela função dos neurônios-espelho. Esta categoria de neurônios está relacionada com a capacidade do indivíduo de imitação, interação social, linguagem e percepção do outro, o que também é conhecido na literatura como Teoria da Mente (ToM).

A Teoria da Mente (ToM), segundo Lima (2020), refere-se à capacidade de entender que outras pessoas têm pensamentos, sentimentos e perspectivas diferentes dos nossos, e que estes podem se manifestar em diversos aspectos da fala e da comunicação. Pode-se visualizar que pessoas com TEA têm dificuldade em interpretar expressões faciais, gestos e tom de voz, o que dificulta a interação social. Além disso, pode haver uma dificuldade em usar a linguagem de maneira flexível e apropriada ao contexto social, resultando em falas repetitivas ou literais.

Ainda de acordo com o autor acima, as dificuldades na ToM podem se manifestar em diversos aspectos da fala e da comunicação. Indivíduos com TEA podem ter dificuldade em interpretar expressões faciais, gestos e tom de voz, o que dificulta a interação social. Além disso, pode haver uma dificuldade em usar a linguagem de maneira flexível e apropriada ao contexto social, resultando em falas repetitivas ou literais.

Tanto Elsa quanto Doug lutam para entender os sentimentos e emoções de Sam, já que ele muitas vezes expressa suas necessidades de maneiras não convencionais. Eles enfrentam o desafio de se comunicar e se relacionar com um filho que pode não corresponder às expectativas convencionais de expressão de afeto.

Comumente, pais de crianças com diagnóstico de TEA muitas vezes enfrentam desafios na interpretação e expressão de afeto por parte de seus filhos, devido a diferenças no processamento sensorial e na comunicação social (Bosa et al, 2015). Além disso, a falta de reciprocidade emocional por parte da criança autista pode levar os pais a se sentirem desvalorizados e desconectados, trazendo a importância do entendimento dos pais da condição do filho (Magalhães et al, 2019).

Frente a isso, na série "*Atypical*", a complexidade da paternidade e maternidade de um filho autista é explorada com profundidade, refletindo os desafios emocionais e sociais que pais de crianças com TEA frequentemente enfrentam.

Através das experiências de Elsa e Doug, é possível ver como a comparação com crianças neurotípicas, a preocupação com a independência futura, e a percepção de falta de afeto impactam suas vidas. Esses temas, amparados por estudos e teorias como a da Mente, demonstram a importância do suporte e compreensão contínuos para que pais e filhos possam navegar nas particularidades do TEA. A série não apenas oferece uma visão sensível e realista dessas dinâmicas familiares, mas também destaca a necessidade de maior apoio e conscientização social para famílias de crianças autistas.

4.2 A PARENTALIDADE ATÍPICA DE DOUG: A QUEBRA DE EXPECTATIVAS DIANTE DO FILHO REAL

Esse tópico de análise tem como objetivo discutir sobre a temática da parentalidade atípica presente na vivência da paternidade de Doug e assim fazer um comparativo entre a ficção e a realidade.

Segundo Jesus e Santos (2021), a parentalidade atípica ocorre quando os pais enfrentam o diagnóstico de um filho com um distúrbio físico ou neurológico. Isso pode desencadear uma variedade de emoções negativas na família, como surpresa, desânimo, depressão e estresse. Lidar com a incerteza e a falta de preparo para cuidar de uma criança com necessidades específicas torna-se uma realidade diária para os pais e outros familiares.

Em tais circunstâncias, Oliveira e Poletto (2015) relatam o afastamento paterno, resultante das dificuldades enfrentadas pelo casal, podem surgir conflitos e acusações relacionadas à possível "culpa" e à recusa em aceitar a condição de que o filho tenha problemas desde o nascimento.

Uma cena que pode ilustrar a quebra de expectativas em relação ao filho com TEA, refere-se ao momento em que a filha mais velha de Doug, Casey, acaba descobrindo que o pai deixou a família quando Sam era criança, logo após questionar o pai do motivo de ter deixado a família o pai revela à filha o que o fez tomar essa decisão naquele referido momento (Episódio 3, cena 1).

É importante frisar que segundo Guerra et al (2008), o efeito resultante quando uma criança com deficiência nasce cria um ambiente de insegurança devido à desilusão. No início, há um sentimento de luto e uma tendência ao pensamento de

negação, seguido por um poderoso impulso materno materno de zelo e cuidado. Os pais idealizam o filho e consideram as potenciais dificuldades sociais que surgirão devido ao nascimento atípico. O pai Doug expressa essas dificuldades na seguinte cena:

Foi difícil quando seu irmão nasceu, foi difícil ter um filho que não sorria e que não me olhava nos olhos e sua mãe se dedicou só a ele, com os grupos de apoio cuidados, e eu não consegui aceitar e eu achei que só estava estragando tudo (Episódio 3, cena 1, minutos 25:45 a 26:27 – grifo nosso).

Conforme relatado na cena acima, pode-se perceber como o diagnóstico de TEA, e consecutivamente a convivência com o filho autista, fez com que Doug se sentisse despreparado e incapaz de lidar com aquela realidade. De forma específica, dois fatores perpassam a vivência paterna de Doug: o primeiro ao falar da dificuldade de se ter um filho que era diferente daquilo que ele pensava; e o segundo do quanto a esposa ocupava-se com os cuidados exigidos nos acompanhamentos terapêuticos.

Em relação ao primeiro fator que atravessa Doug, segundo a pesquisa conduzida por Smeha (2010), é possível identificar que os genitores sentem-se desapontados, pois seus filhos acabam não reagindo aos esforços para interagir feitos por eles e também por não conseguirem mudar o quadro. A falta de comunicação e a limitação na capacidade de resposta, diante das tentativas de interação do pai, resultam em emoções de desapontamento que podem prejudicar a qualidade do relacionamento entre pai e filho.

Esses dois fatores levaram Doug a uma não aceitação do contexto atípico e um sentimento de insuficiência para assumir sua paternidade naquele momento, levando-o a abandonar a família. Nesse sentido, Oliveira e Poletto (2015) afirmam que a chegada de um filho com uma deficiência congênita ou adquirida pode transformar as rotinas e os estilos de vida, sendo um evento inesperado. Esse acontecimento pode ser visto como traumático, confuso e doloroso, causando conflitos internos e despertando sentimentos semelhantes aos do luto. Nessa situação, os pais precisam definir seus papéis, decidindo quem cuidará do filho, se vão assumir essa responsabilidade ou se serão omissos. Alguns pais não conseguem lidar com a situação e acabam deixando seus filhos em instituições,

enfrentando dificuldades em manter uma vida saudável, conflitos no casamento e problemas para manter momentos de lazer e amizades.

Em relação ao sentimento de insuficiência, Paula et al (2008) traz o impacto do diagnóstico de autismo na família, especialmente na figura paterna, pode ser profundo. Muitos pais relatam sentimentos de frustração, impotência e inadequação ao enfrentarem os desafios diários de criar uma criança autista. É essencial que esses pais recebam apoio adequado para lidar com suas emoções e responsabilidades.

Pode-se perceber como a paternidade é afetada quando o diagnóstico de autismo é encarado de uma forma difícil, que mexe não só na relação pai e filho, mas atinge também o relacionamento conjugal, perpassando a intimidade do casal.

4.3 A RELAÇÃO CONJUGAL E A DIFERENÇA DE PAPÉIS NA CONFIGURAÇÃO FAMILIAR: SOBRECARGA MATERNA

Considerando a importância da relação conjugal, este presente tópico terá como base a cena em que Doug e Elsa estão conversando após o jantar que tiveram com os amigos de Doug. Os dois estão discutindo sobre o fato de Doug nunca ter dito para ser seu amigo que seu filho é autista. Para além da discussão sobre abandono parental, é possível verificar que com o diagnóstico, a presença de desentendimentos e discussões conjugais se tornaram mais presentes na vida do casal Elsa e Doug, como demonstrado na cena 2, do 5º episódio descrito na tabela:

Elsa:(mãe) “Você não assume no trabalho porque sente vergonha.”

Doug:(pai) “Não tenho vergonha, apenas gosto de separar minha vida pessoal do meu trabalho. É assim que eu sou. É coisa de homem.”

Elsa:(mãe) “Pois é, eu jamais poderia ser assim, não com alguém que eu trabalho todo dia, que é meu amigo. Isso é grande parte da minha identidade.”

Na cena acima, há uma discussão em que Elsa demonstra sua insatisfação em relação ao comportamento de Doug, por não relatar ao seu amigo de trabalho sobre o autismo de seu filho. Como dito por Andrade e Teodoro (2012), o subsistema familiar conjugal é afetado por fatores estressores da convivência com as características do autismo, causando assim insatisfação na relação do casal, onde o

parceiro mais propenso a estresse contribui para o desenvolvimento de sintomas depressivos no outro parceiro.

De acordo com Machado, Silva e Portes (2022), o estresse parental se dá, muitas vezes, quando os pais não possuem mecanismos suficientes para lidar com as demandas advindas da condição de seus filhos, e precisam elaborar uma adaptação a essas mudanças. Fazem parte dos fatores estressores para a relação conjugal o sentimento de culpa que um dos cônjuges podem desenvolver, a percepção do transtorno como um “fardo” a ser carregado, a sobrecarga de um dos parceiros em relação aos cuidados do filho e isolamento social, causando o distanciamento do casal de suas famílias e amigos.

Diante da discussão acima sobre a relação conjugal do casal representado na série, também foi possível perceber como a maternidade de Elsa ao longo da série é um fator importante para análise. Ao decorrer dos episódios, Elsa vivencia a maternidade de forma intensa, dedicando-se e preocupando-se com as necessidades específicas de Sam. Muitas vezes sua forma de cuidado é interpretada como exagero, causando desentendimentos nas relações familiares. Para iniciar uma discussão sobre maternidade, foi escolhida a seguinte cena citada abaixo:

Doug:(pai) “Talvez não deveria ser. Tudo para você gira em torno de ser mãe. Às vezes você deveria ser um indivíduo autônomo.”

Elsa:(mãe) “Eu sou um indivíduo autônomo.”

Doug:(pai) “Eu não acho que seja. Tudo para você é Sam isso e autismo aquilo. Talvez esteja na hora de parar e ter sua vida.” (Episódio 5, cena 2).

Pode-se perceber que Doug relata sobre a disposição de Elsa no seu papel de mãe, e como essa disposição tem sido a principal tarefa em sua vida. São muitos os casos de figuras parentais que se dedicam aos cuidados do filho com deficiência, disponibilizando-se integralmente ao tratamento do filho. No estudo de Pinto et al (2016), mães relataram que cuidar de seus filhos são suas principais tarefas, por isso não podem trabalhar nem exercer outras atividades.

A diferença de papéis na configuração familiar onde há uma pessoa com autismo é exorbitante, principalmente quando se fala das tarefas atribuídas à mãe da criança. De forma geral, abrindo excesso para uma baixa porcentagem, na maioria dos casos de famílias atípicas, a mãe se encontra na função de responsável por uma parte considerável das atividades relacionadas ao filho com autismo.

Segundo Pinto et al (2016), essa determinação ao papel de cuidadora vem de um contexto histórico em que as mulheres tinham como responsabilidade prestar cuidados a outras pessoas, e também pelo fato do vínculo materno.

Dessa forma, com todas as demandas advindas do tratamento para o autismo e adaptação dos pais com as características de TEA na vida de seus filhos, pode ocorrer, de acordo com Favero e Santos (2005), uma sobrecarga para a sua rede de suporte, como para a mãe, pai e parentes mais próximos.

Além da sobrecarga materna, conforme Pinto et al (2016), em relação a aspectos físicos e mentais, muitas mães abrem mão de suas carreiras e profissões para dedicar-se aos cuidados do filho autista.

Entretanto, é de suma importância que a rede de apoio da pessoa autista também seja visualizada com um olhar empático de cuidado e atenção, pois são muitas as questões emocionais e sociais que perpassam seus papéis parentais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências parentais no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA) são marcadas por desafios contínuos e significativas transformações emocionais e sociais. Os pais de pessoas autistas enfrentam a complexidade de adaptar suas expectativas e rotinas, enquanto buscam entender e responder às necessidades específicas de seus filhos.

Este processo de adaptação exige resiliência, paciência e compromisso com o desenvolvimento e bem-estar da criança. Além disso, o suporte emocional e prático é necessário para ajudar os pais a enfrentarem as adversidades e a encontrarem estratégias eficazes para promover o crescimento de seus filhos dentro do espectro autista. A experiência parental é caracterizada por momentos de aprendizado e superação, portanto, é preciso um olhar atento e empático por parte da sociedade e dos profissionais de saúde, reforçando a necessidade de uma rede de apoio robusta que facilite a jornada desses pais contribua para a construção de um ambiente familiar harmonioso e inclusivo.

Os resultados deste estudo apontam para a complexidade da natureza do autismo, e a necessidade de compreender as demandas associadas ao cuidado de uma criança com TEA. Os pais e cuidadores precisam de apoio na criação de

estratégias que promovam uma nova perspectiva em suas vivências. O aprofundamento acadêmico sobre este tema é vital para auxiliar profissionais e estudantes a desenvolverem intervenções que contribuam para o bem-estar das famílias afetadas pelo TEA.

Compreender e buscar promover estratégias que atendam as necessidades desses pais é essencial para promover um ambiente familiar saudável e propício ao desenvolvimento dos filhos. Portanto, este estudo teve como proposta contribuir para ampliar o conhecimento sobre as nuances da parentalidade no contexto do autismo, oferecendo subsídios para intervenções mais humanas e eficazes.

Frente a isso, a experiência da construção desta pesquisa revela-se importante para a compreensão das dinâmicas que envolvem a parentalidade no contexto do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Utilizando a série "Atypical" como um estudo de caso, foi possível ilustrar de maneira prática e tangível as diversas reações e adaptações que pais de crianças autistas enfrentam diariamente. A análise crítica dessas experiências proporcionou insights sobre a importância do suporte e da disseminação de informações precisas para auxiliar essas famílias.

Este estudo não apenas amplia o conhecimento acadêmico sobre o impacto do TEA na dinâmica familiar, mas também destaca a necessidade de desenvolver intervenções que promovam a resiliência e a adaptação psicossocial dos pais. Assim, contribuir para um entendimento dessas vivências é necessário para fomentar um ambiente mais inclusivo e solidário, onde tanto pais quanto filhos possam prosperar.

REFERÊNCIAS

ALINE, A. A.; TEODORO, M. L. M. *Família e Autismo: Uma Revisão da Literatura. Contextos Clínicos*. vol. 5, n. 2, p. 134-142. Minas Gerais: jul./dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v5n2/v5n2a08.pdf> Acesso em: 20 de mai. 2024.

ALMEDA, C. M.; ALBUQUERQUE, K.. *Autismo: Importância da Detecção e Intervenção Precoces. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 02, vol. 01. p. 488-502. Abril de 2017. ISSN:2448-0959

Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/autismo>
Acesso em: 15 abr. 2024

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5º ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf> Acesso em: 05 de abr. 2024

Attwood, T. *O guia completo para a síndrome de Asperger*. **American Psychological Association**. Editores Jessica Kingsley, 2007. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2007-02540-000> Acesso em: 20 set. 2023.

BAGAROLLO, M. F.; PANHOCA, I. *História de vida de adolescentes autistas: contribuições para a Fonoaudiologia e a Pediatria*. **Rev. paul. pediatria**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 100-7, mar. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/8CVDcTQxy5GXKdkPxRJGjFz/?lang=pt> Acesso em: 07 mai. 2024.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 70º ed. Almeida Brasil: São Paulo, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf> Acesso em: 15 abr. 2024

BOSA, C. A.; LIBERASSO, C. B.; RATTO, L. R. *A qualidade do relacionamento entre mães e seus filhos com autismo: uma análise comparativa*. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 32(4), p. 641-651, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe2> Acesso em: 01 abr. 2024.

BRADT, J. O. *Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos*. In: **Carter B, McGoldrick M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas; p. 206-222. 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/288939969/Tornando-se-Pais-familias-Com-Filhos-Pequenos> Acesso em: 17 mai. 2024.

BRUCHÊZ, A. et al. *Metodologia de pesquisa de dissertações sobre inovação: análise bibliométrica*. **Desafio on-line**, Caxias do Sul-RS, v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/deson/article/view/3539/4259> Acesso em: 05 abr. 2024.

DELMORE-KO, P. et, al. *Tornando-se pai: a relação entre expectativas pré-natais e experiência pós-natal*. **Jornal de Psicologia Familiar**, 14 (4), p. 625–640, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0893-3200.14.4.625> Acesso em: 05 set. 2023.

DUARTE, E. N. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. **13ª Ed**. São Paulo: Editora Hucitec; 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/FgpDFKSpjsybVGMj4QK6Ssv/> Acesso em: 08 mai. 2024

DUARTE, V. E. S. et. al. *O que a sociedade precisa saber sobre o Transtorno de Espectro Autista*. **Revista Projetos Extensionistas** | Faculdade de Pará de Minas - FAPAM, v.1, n. 2, p. 173-183, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/RPE/article/view/498/264> Acesso em: 03 out. 2023

FAVERO, A. A.; CENTENARO, JUNIOR B. *A Pesquisa Documental nas Investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites*. **Contrapontos**. Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 170-184, jan./ 2019 . Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/13579> Acesso em: 01 abr. 2024.

FAVERO, M. A. B.; SANTOS, M. A. *Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura*. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18:358-369. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/fgLcDdLJcTJK9YJjVHhYTbG/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 07 abr. 2024

FERREIRA, D. C.; DESLANDES, S. F. *Sentimentos dos pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão de literatura*. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, 13(4), p. 1573-1587, 2018. Disponível em: redalyc.org. Acesso em: 13 set. 2023.

FERRARI, R. S.; RIBEIRO, M. F. R. *Ser mãe, ser pai: desafios na contemporaneidade*. **Cad. Psicanál. (CPRJ)**. Rio de Janeiro , v. 42, n. 42, p. 225-242, jun./2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v42n42/v42n42a14.pdf> Acesso em: 13 set. 2023.

GAIATO, M. H. B.; ZOTESSO, M. C.; FERREIRA, L.; SILVEIRA, R. R.; DIODATO, R. (2022). *Transtorno do espectro autista: Diagnóstico e compreensão da temática pelos responsáveis*. **Revista Contexto & Saúde**, 22(46), e13209. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2022.46.13209> Acesso em: 04 out. 2023

GAIATO, M.; TEIXEIRA, G. *Rezinho Autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis*. 7º Edição. São Paulo: nVersos, 2023. Disponível em: <https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2020/05/o-rezinho-autista.pdf> Acesso em: 10 out. 2023

GORIN, M. C. et. al. *O estatuto contemporâneo da parentalidade*. **Rev. SPAGESP [online]**. 2015, vol.16, n.2, pp. 3-15. ISSN 1677-2970. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002 Acesso em: 15 out. 2023.

HOFZMANN, R. R. et al. *Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA)*. **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 2, p. 64-69. ago./ 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1671/521> Acesso em: 20 set. 2023

JESUS, P. S. *Transtorno do Espectro Autista e Parentalidade atípica no filme Farol Das Orcas (2017)*. **Revista Direito no Cinema**, v. 3, n. 2, p. 67-84, set./ 2021. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/direitonocinema/article/view/12725/8610>

Acesso em: 10 abr. 2024.

KLIN, Ami. *Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral*. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 28, p. 3-11, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNbHcsndB9Sf5ph5KBYGD/> Acesso em: 13 out. 2023.

LIMA, Rossano Cabral. *Investigando o autismo: teoria da mente e a alternativa fenomenológica*. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 11, n. 1, p. 194-214, abr./ 2019.

Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000100013&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 30 mai. 2024.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental*. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Ed. 8 São Paulo: EPU, 2004. cap. 3, p. 25-44. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/53969> Acesso em: 02 abr. 2024.

MACHADO, N. M.; SILVA, A. R. I.; JOÃO R. M. P. *Estresse Parental e Relacionamento Conjugal em Pais de Crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa da literatura*. **Contextos Clínicos**, v. 15, n. 1. Itajaí-SC, jan./abr. 2022. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/download/22938/60749077/60794249> Acesso em: 07 abr. 2024.

MAGALHÃES, L. D.; JESUS, P. C.; OLIVEIRA, J. A. *Vivências de mães de crianças autistas na educação inclusiva: uma análise fenomenológica*. **Revista Educação Especial**, 32(62), p. 603-616, 2019. Disponível em:

<repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4052/1/danieladecassiasabararendon.pdf>

Acesso em: 08 mar. 2024.

MORAES, C. J. A.; GRANATO, T. M. M. *Tornando-se Pai: Uma Revisão Integrativa da Literatura sobre a Transição para a paternidade*. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 4, p. 557-567, 6 jan./ 2017. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/29871> Acesso em: 28 set. 2023.

MARION, J.; FERREIRA, M.; PEREIRA, C. R. R. *Desafios de ser pai em uma sociedade em transformação*. In E. R. Goetz & M. L. Vieira (Eds.), **Novo pai: Recursos, desafios e possibilidades**. (pp. 171–180). Curitiba: Juruá. 2015. Acesso em: 05 de mai. 2024.

MARTINS, M. V. B. S.; SANTOS, J. K. M.; LIMA, J. A. *O impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar*. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, p. e229111638233-e229111638233, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/38233/31607/417287> Acesso em: 27 set. 2023.

MATOS, Maycon Souza. *Diagnóstico Precoce de Autismo: Características Típicas Presentes em crianças com Transtorno do Espectro Autista*. **Revista Master - Ensino, pesquisa e extensão**. Araguari, vol. 5, pg. 22-27, ano 2020. Disponível em: <https://revistamaster.imepac.edu.br/RM/article/view/132> Acesso em: 08 mar. 2024.

MOZZATO, A. R; GRZYBOVSKI, D. *Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios*. **Revista De Administração Contemporânea**. Curitiba, v. 15 (n.4), p. 731-747, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/rac/a/YDnWhSkP3tzfXdb9YRLCPjn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 abr. 2024

MULLER, P. W. et, al. *A relação mãe-bebê na presença e na ausência de sintoma psicofuncional no bebê: um estudo comparativo*. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.** São Paulo, v. 37, n. 93, p. 229-251, jul./ 2017 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci>. Acesso em: 02 mai. 2024.

OLIVEIRA, I. G.; POLETO, M. *Vivências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência*. **Revista da SPAGESP**. vol. 16 nº 2, Ribeirão Preto, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci>. Acesso em: 14 mai. 2024.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. F. *Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação*. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, 2015. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/1293/1160> Acesso em: 03 mar. 2024.

PAULA, C. S. et, al. *Breve relatório: Prevalência do transtorno invasivo do desenvolvimento no Brasil: um estudo piloto*. **Jornal de Autismo e Transtornos do Desenvolvimento**. Vol. 41, p. 1738-1742, fev./2011. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-011-1200-6> Acesso em: 05 out. de 2023.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, n.114, p. 179-195, nov. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/FGx3yzvz7XrHRvqQBWLzDNv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 23 mar. 2024.

PINTO, R. N. M. et al. *Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares*. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR> Acesso em: 25 abr. 2024.

PINTO, A. L. *Estresse e qualidade de vida em mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista*. **Revista de Psicologia da IMED**. 11(1), p. 141-152. 2019. Acesso em: 20 abr. 2024.

RIBEIRO, D. M.; RIBEIRO, M. A.; LIMA, V. T. *Estresse e qualidade de vida de mães de crianças com transtorno do espectro autista*. **Psicologia em Pesquisa**. 11(1), p. 85-94. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v19n1p9-34> Acesso em: 7 set. 2023.

RIBEIRO, D. et al. *Aplicação Do Modelo Dinâmico De Avaliação E Intervenção Familiar Na Prática Clínica De Uma Família Na Transição Para a Parentalidade: Pensar Enfermagem*, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 19–30, 2021. DOI 10.56732/pensarem.v25i1.178. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=foh&AN=159347776&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 7 set. 2023.

ROCHA, F. T.; OLIVEIRA, M. A.; OLIVEIRA, M. D. *Autismo: aspectos psicológicos e a transição para a vida adulta*. **Revista Psicologia em Pesquisa**, 14(1), p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/6013>. Acesso em: 7 set. 2023.

SEABRA, K. S.; SEIDL-DE-MOURA, M. L. *Cuidados paternos nos primeiros três anos de vida de seus filhos: um estudo longitudinal*. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 135-147, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/17330/18301> Acesso em: 20 mai. 2024.

SEGEREN, L.; FRANÇOZO, M. F. C. *As vivências de mães de jovens autistas*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 39-46, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/gwxcysmPLNgcMXsc7cf6cb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 18 mai. 2024.

SEMENSATO, M. R., & BOSA, C. A. *Crenças Indicativas de Resiliência Parental no Contexto do Autismo*. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**, v 33, e33416., p. 1-10, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33416> Acesso em: 07 abr. 2024.

SILVEIRA, V. N. *Experiências Narradas por Homens no Exercício da Paternidade: Rompendo Paradigmas*. **Revista de Enfermagem UFSM**. Santa Maria-RS, v. 9, e3, p. 1-18, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/28653/pdf_1 Acesso em: 16 abr. 2024.

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo singular: entenda o autismo**. Editora: Fontanar, 2012. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nnn81xe> Acesso em: 14 set. 2023.

SILVA, M. L. L. et, al. *Envolvimento paterno em famílias de criança com transtorno do espectro autista: contribuições da teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano*. **Bol. - Acad. Paulo. Psicol. [on-line]**. 2016, vol.36, n.90, pp. ISSN

1415-711X. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-711X2016000100006&script=sci_abstract Acesso em: 9 abr. 2024.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. *A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo*. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, p. 43–50, mar. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvqgWpK/> Acesso em: 07 out. 2023.

SMEHA, L. N. *Vivências da paternidade em homens que são pais de um filho com diagnóstico de autismo*. **Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Porte Alegre, p. 1-111, jul./ 2010. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/717> Acesso em: 05 abr. 2024

SOUZA, A.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H.: *A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos*. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336> Acesso em: 28 mar. 2024.

SZEJER, M. *Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. In: **Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê**. Brasília, L.G: E Editora, 2002. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/233>. Acesso em: 03 out. 2023.

TEYKAL, C. M. *De pai para filho: uma reflexão sobre identidade paterna e transmissão intergeracional em duas diferentes gerações [dissertação]*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.15s90/0103-4014.2021.35103.005>. Acesso em: 04 mai. 2024.